




**A LINGUAGEM FASCISTA; OU, DOIS LIVROS EM UM:
PIOVEZANI E GENTILE SEPARADOS PELA
CONTRADIÇÃO**

**THE FASCIST LANGUAGE; OR, TWO BOOKS IN ONE:
PIOVEZANI AND GENTILE SEPARATED BY
CONTRADICTION**

Wendell Presley Machado Cordovil *

 <https://orcid.org/0000-0003-2619-1872>
w.mcordovil@gmail.com

Publicado no ano de 2020, o livro dos autores Carlos Félix Piovezani Junior e Emílio Gentile pode ser categorizado como um livro de visões contraditórias sobre o Fascismo. Intitulado “A linguagem fascista”, a proposta do Doutor Carlos Piovezani com o livro é apresentar um paralelo entre o que seria a linguagem fascista do passado e do presente. No passado estariam os discursos de Benito Mussolino, líder fascista que governou a Itália na primeira metade do século XX, e no presente as falas de Jair Messias Bolsonaro, que foi Deputado Federal por vários mandatos e alcançou o posto de Presidente da República no Brasil em 2018.

Carlos Piovenzani, Doutor em Linguística e Língua Portuguesa e Professor da Universidade Federal de São Carlos, entrou em contato com o historiador e professor emérito da Università La Sapienza di Roma, Emilio Gentile, por incentivo de Marc Angenot. A partir do contato, Gentile encaminhou um texto inédito de sua autoria sobre os discursos de Mussolini para Piovezani. O texto se tornou a primeira parte do livro, mas a história sobre esse contato entre os autores não aparece na apresentação, apenas

* Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará (PPHIST-UFPA). Especialização em Games e Gamificação na Educação (UNINTER). Graduado em Licenciatura em História pela UFPA - Campus de Ananindeua.

em entrevista ao portal Observatório da Imprensa (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2021).

Além da apresentação realizada pelo Professor Carlos Piovezani, que acaba se tornando um capítulo, o livro se divide em duas grandes partes. A primeira é escrita por Emilio Gentile e a segunda por Carlos Piovezani. Todo o livro conta com as referências em rodapé, e não apenas no final de cada capítulo ou mesmo ao fim da obra, o que facilita muito a verificação de cada fonte e autores mencionados.

No início, com a apresentação “A linguagem fascista” escrita por Piovezani (que acaba sendo um capítulo), as bases sobre a perspectiva a respeito do Fascismo adotadas pelo primeiro autor ficam evidentes. Victor Klemperer (1881-1960), professor universitário de Filologia que escreveu sobre o Nazismo, Umberto Eco (1932-2016), escritor que foi professor da Universidade de Bolonha e escreveu o famoso livro sobre “O Fascismo eterno”, e Theodor Adorno (1903-1969), com seu texto que articula psicanálise e interpretação sobre o Fascismo, são pilares fundamentais para a forma de Carlos Piovezani pensar e escrever sobre o tema do livro. Desde o começo do livro compreendemos que a noção utilizada será a do Fascismo Eterno de Umberto Eco. A lógica de que as sociedades vivem o perigo constante do retorno do Fascismo, por conta disso, a luta contra ele seria também contínua. Talvez seja um problema a forma que Piovezani utiliza tais autores, pois os toma em lugar da historiografia sobre o tema. São produções datadas, que aos olhos atuais parecem ter se interessado mais, compreensivelmente no caso de Klemperer e Adorno, pela atuação política do que pela análise do fenômeno histórico. Deveriam, para uma análise mais correta do Fascismo, ser utilizadas como fonte histórica e não como obras com capacidade de explicar o Fascismo. No entanto, o início da obra deixa claro que esses autores serão a base para “entender” o Fascismo ao longo das páginas.

Ao compreender isso, o leitor aguarda que as páginas seguintes abordem o tema a partir dessas lentes. Porém, a situação entra em choque ainda na parte inicial do livro, quando Piovezani transcreve uma entrevista de Emilio Gentile para a BBC em 2019. Na entrevista, Gentile deixa muito evidente sua contrariedade com a teoria de Umberto Eco, sobre o Fascismo Eterno. Em sua visão, de historiador, deixa claro que o Fascismo foi um movimento histórico localizado na Itália do século XX, entre as duas guerras mundiais. Para Emilio Gentile, o Fascismo não está em risco de voltar. Não seria uma repetição da história. Em um primeiro momento parece que Piovezani concorda com isso, pois considera “Sem dúvidas, a história não se repete”. Mas em seguida utiliza a

famosa frase de Karl Marx, presente em O 18 brumário de Louis Bonaparte, sobre a história se apresentar em uma primeira vez como tragédia e na segunda como farsa. O que deixa evidente a discordância com Gentile, mesmo afirmando concordância. Afinal, para Carlos Piovezani, o retorno do Fascismo é uma possibilidade real, para Gentile essa visão é um equívoco.

No primeiro capítulo, “Mussolini fala às massas”, Emilio Gentile não abre brechas para que a teoria do Fascismo Eterno seja encaixada em sua análise histórica. Explícita inclusive que recusa “o método anti-histórico” utilizado para apresentar Mussolini como “Duce totalitário” desde o seu período de militante marxista. Logo, sua preocupação ao longo de todo o capítulo é com a verdade histórica e a compreensão da complexidade do Fascismo e de Mussolini.

Ao longo do texto Gentile aborda as mudanças nas percepções sobre história, política e sociedade de Mussolini, que sempre teve aversão contra o liberalismo e a democracia. Emilio Gentile pontua que a partir das suas visões sobre a política, história e sociedade:



Com base na trama constante desses motivos, Mussolini elaborou, inicialmente, sua ideologia no interior do socialismo marxista revolucionário e, mais tarde, sua ideologia do fascismo, em sua primeira versão libertária (1919-1920) e, posteriormente, em sua versão totalitária (1921-1943). Ainda que a combinação constante desses motivos constitua o fio de continuidade que acompanha as metamorfoses da vida política mussoliniana, isso não significa que no Mussolini socialista já estivesse incubado o Mussolini fascista [...]. (CARLOS; GENTILE, 2020, p. 61)

No capítulo, Gentile consegue fazer o leitor perceber como as compreensões de Mussolini sobre a realidade, e seu horizonte de expectativas - utilizo aqui um conceito de Reinhart Koselleck não utilizado por Gentile (KOSELLECK, 2006) -, estavam conectadas com suas atuações políticas e modificam ao longo do tempo. No texto também se comenta sobre algumas influências do pensamento de Mussolini, de Friedrich Nietzsche à Gustave Le Bon.

Com o passar das páginas fica muito claro como os anos de pesquisa de Emilio Gentile, que é o maior historiador vivo sobre o Fascismo, contribuíram para a análise e apresentação do pensamento e discursos de Mussolini. Entre as fontes históricas utilizadas pelo autor se destacam os volumes de Opera Omnia, com os registros dos discursos e obras de Benito Mussolini organizados por Edoardo Susmel e seu filho Duilio Susmel, e os números do periódico Il Popolo d'Italia, que foi criado pelo próprio

Mussolini. Obras do próprio Gentile e de Renzo de Felice servem também como orientações de análise ao longo do capítulo.

Um ponto fundamental a se compreender com as discussões apresentadas por Gentile é que o pensamento de Mussolini apresentava o “desprezo pelas massas, mas também apreciação realista de sua importância como força política da sociedade moderna”, mas sem “depositar nenhuma confiança em sua capacidade de evoluir em direção a modos de consciência coletiva autônoma e a uma autonomia de governo” (PIOVEZANI; GENTILE, 2020, p. 60). Algo que se relaciona com a citação de Mussolini com a qual Emilio Gentile termina o capítulo. Quando Mussolini refletiu “filosoficamente sobre a volubilidade das massas”, registrou que:

“Das três almas, de que falou Platão, as massas possuem somente as duas primeiras: a vegetativa e a sensível. Ela não tem a alma que se eleva ao seu mais alto nível, a saber, a alma intelectual. Por isso, para mim, não é difícil acreditar que milhões de italianos, que me glorificavam até ontem, hoje me odeiam e amaldiçoam o dia em que nasci e a cidade onde vi a luz [...]” (PIOVEZANI; GENTILE, 2020, p. 139)

No capítulo de Carlos Piovezani, “Bolsonaro fala às massas: do baixo clero político à presidência da República”, a perspectiva inicial do livro retorna. O autor reconhece indícios do Fascismo Eterno em diversos posicionamentos de Jair Messias Bolsonaro. O capítulo inicia com o famoso caso do manifesto de Bolsonaro na Revista veja, quando no ano de 1986 publicou “O salário está baixo”.

É a partir desse momento que Piovezani já observa a formação de uma “linguagem de Bolsonaro” e que, para o autor, é conservada desde sua época de “baixo clero político”, como Deputado, até seu período na “presidência da República”. Nessa linguagem estariam a “mentira” contra a “verdade” e denúncia da falsidade de “outrem”, um “ethos [...] supostamente impelido por dever de consciência” que não se omite perante os riscos de expor e se sacrificar por aquilo que seria “a verdade” (PIOVEZANI; GENTILE, 2020, p. 143).

Lembrando a respeito da operação “Beco sem saída”, um plano de detonação de bombas na Academia Militar das Agulhas Negras e que Bolsonaro esteve envolvido, sendo revelado em 1987. O autor verifica a existência de uma atuação “autoritária” de Bolsonaro quando se posicionou contra a exposição do caso. Algo que Piovezani chama de oposição a “uma verdade a seu respeito” (PIOVEZANI; GENTILE, 2020, p. 146).

Após estabelecer o perfil autoritário e negacionista, o linguista prossegue o livro em busca da menor semelhança possível de Bolsonaro com o Fascismo. Fica evidente ao longo das páginas que não existem dúvidas no autor de que claramente Jair Bolsonaro seguiu, conscientemente ou não, pelas trilhas de Hitler e Mussolini.

Em alguns momentos a avidez pelo reflexo fascista no falar e agir de Bolsonaro levam Piovezani para leituras que beiram o ridículo. Na página 150 existe um grande exemplo disso. Quando menciona a atuação de Bolsonaro como cadete, lembra que suas qualidades eram reconhecidas como sendo “nas atividades físicas”. A partir disso, encontra um Bolsonaro que é contrário ao intelectualismo em favor da “disposição física” e reconhece nisso um paralelo com o “programa pedagógico de Hitler e um dos traços do fascismo”. Para o autor, fica evidente que já em Bolsonaro cadete e “recordista na corrida de 4 km” estava presente:

[...] traços do fascismo: a predição pelo preparo físico e pelas ações, em detrimento da reflexão, da formação intelectual e dos conteúdos filosóficos e científicos, que ficam relegados a um último plano e são concebidos com desconfiança e desprezo.

A conveniência dessas comparações entre os fascistas europeus do começo do século XX e o representante de nosso neofascismo que venceu as eleições presidenciais em 2018 [...] (PIOVEZANI; GENTILE, 2020, p. 150)

Carlo Piovezani segue sua análise reconhecendo em algumas falas de Bolsonaro uma “artimanha argumentativa” elaborada de forma consciente. Em certas situações essa não parece ser uma afirmativa condizente, como no caso da discussão com a Deputada Maria do Rosário que se tratou de uma discussão espontânea.

É possível que o autor encontre “artimanha argumentativa” planejada por conta de sua análise ser baseada amplamente em chaves de interpretação do campo da Psicanálise, que o autor pode ter utilizado diretamente ou por consequência de articular seu pensamento com o de Theodor Adorno. O uso da psicanálise como ferramenta de compreensão e explicação da realidade fica evidente em alguns parágrafos de Piovezani, em especial quando se permite a aplicação de conceitos como o de “recalque” (PIOVEZANI; GENTILE, 2020, p. 177) ou mesmo de replicação da visão de Adorno (PIOVEZANI; GENTILE, p. 206).

Em alguns momentos Piovezani articula muito bem a atenção sobre “o que se diz e a maneira de dizer”, termo que menciona entre as páginas 186 e 187, mas perde muito em sua análise a partir do momento em que concebe um sujeito histórico sem

história. A omissão de passagens significativas de Bolsonaro, como suas percepções positivas a respeito de Hugo Chavez e Lula, acaba por retirar a complexidade do seu objeto de estudo. Acessando tais momentos, Piovezani poderia se deparar com questões reveladoras nas mudanças e rupturas das visões políticas e de mundo do sujeito histórico que analisa.

Oferece sua abordagem como um percurso histórico, mas acaba entregando um tratado sobre o fascismo em Bolsonaro que, aos olhos do autor, esteve presente e nítido não apenas em suas falas, mas na vida prática desde as instalações de bombas até a predisposição para as atividades físicas. Acaba simplificando não apenas o olhar sobre Bolsonaro, mas também sobre o próprio Fascismo e o Nazismo, tratados como sinônimos. Exagera em momentos que trata o apelo político para a emoção das massas como uma estratégia por si mesma fascista - e a partir desse pressuposto definindo Bolsonaro como invariavelmente fascista, as páginas 192 e 193 demonstram esse movimento de interpretação. Afinal, é evidente que isso não é exclusivo do Fascismo e muito menos aquilo que o define.

Com a segunda parte do livro, fica evidente que ao se valer das produções externas ao campo historiográfico atualizado a respeito do Fascismo, em detrimento de autores especializados nesse tema (como o próprio Emilio Gentile), a visão de Piovezani sobre o Fascismo histórico fica comprometida. Aplica simplificações como a ideia de que o “anti-intelectualismo” é fator crucial no Fascismo (nota 9 da página 150), ignorando a complexidade do tema. Já que o Fascismo incentivou produções acadêmicas, filosóficas e artísticas (realizando exposições de arte e apoiando pesquisa, inclusive fundando Universidade), mas obviamente sempre dentro das expectativas fascistas para o futuro da sociedade italiana. Acaba por apresentar mais uma ideia sobre o Fascismo do que o Fascismo histórico. Soma-se um Bolsonaro a-histórico, que é fascista desde sempre. Quando, nesse mesmo livro, Emilio Gentile chama atenção para o simplismo que é ver o próprio Mussolini como um fascista desde o início de sua atuação política.

No geral do livro, o primeiro capítulo consegue ser uma grande contribuição para a pesquisa histórica e aos interessados em estudar a temática do Fascismo. Principalmente por ser uma das poucas traduções de Emilio Gentile para o português. O segundo capítulo da obra tinha grande potencial para ser uma excelente análise do discurso de Bolsonaro, abordando as diferenças em suas visões ao longo do tempo, mas a proposta inicial impede isso. Com a tentativa de encaixar Bolsonaro ao lado de Mussolini, como um fascista brasileiro, o texto acaba caindo naquilo que Emilio Gentile categoriza

como “astoriologia”. Analogias que em nada explicam a história, mas apenas a utilizam de forma disforme para sustentar algum argumento. E, nas palavras de Gentile, “Com as analogias, pode demonstrar-se qualquer coisa e chamar fascista” (GENTILE, 2019, p. 73). O movimento de busca por analogias acaba por distanciar a análise sobre Bolsonaro. A todo momento a busca nas falas de Bolsonaro é pela voz de Mussolini ecoando ao fundo.

A preocupação de Piovezani é compreensível. Pretende não apenas compreender e explicar, mas também apresenta interesse prático de atuação positiva no tempo presente. Observa Bolsonaro como um risco, por isso a estratégia de comprovar seu Fascismo. No entanto, isso é uma simplificação histórica e desnecessária. Afinal, Bolsonaro não precisaria ser fascista para ser um risco para a Democracia. Logo, apenas expor os perigos observados por Piovezani seriam suficientes, mas acabou optando por recorrer ao Fascismo Eterno em busca de uma melhor ferramenta para seu combate.

Quando se observa a obra de forma completa, ela emerge como dois livros totalmente diferentes em apenas uma encadernação. Ambas visões possuem espaço acadêmico, mas não podem se relacionar, pois são necessariamente contrárias. A de Piovezani evidentemente possui o interesse de atuação no tempo presente, condenando Bolsonaro, o que é comum por conta da aproximação temporal. Já a de Gentile pretende realizar um estudo histórico acadêmico sobre os discursos de Mussolini, um período um pouco mais distante, o que ameniza as emoções envolvidas e aumenta a preocupação com a veracidade histórica. Dois autores com visões opostas sobre o Fascismo acabam por dividir o livro em dois. Essa separação é realizada justamente pela contradição.

REFERÊNCIAS

GENTILE, Emilio. **Quem é facista?**. Lisboa: Planeta, 2019.

PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emilio. **A linguagem fascista**. São Paulo: Hedra, 245p, 2020.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **A linguagem fascista de Mussolini a Bolsonaro em livro de Professor da UFSCar**. 2021. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/entrevista/a-linguagem-fascista-de-mussolini-a-bolsonaro-em-livro-de-professor-da-ufscar/> Acesso em julho de 2023.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto - Editora PUC Rio. 2006.

Recebido em: 29/06/2024
Parecer dado em: 12/08/2024